



3.39 • Metamorfoses da violência

As informações e as operações militares

Anselmo Melo Dias

UM DOS DILEMAS com que as informações se deparam no instrumento militar não é apenas a incerteza do futuro, mas também a falta de estudo sobre o passado. No presente ano comemora-se o centenário do início da Primeira Guerra Mundial. O conflito deve ser lembrado, e analisada a sua evolução, à luz do pensamento contemporâneo, em que as informações se afirmaram de vital importância, com forte influência no decorrer das operações militares. Deram uma nova abordagem e reconhecimento por parte de um elevado número de nações, originando vários serviços de informações nacionais. Com isto, importa salientar certas transformações, desde 1914 até à atualidade.

Primeira Guerra Mundial

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) assistiu a um conjunto de batalhas e confrontos táticos lineares, em que o fogo e a proteção assumiram predominância sobre o movimento – era uma guerra de atrição. A Guerra de Trincheiras, como ficou conhecida, onde se presenciou a capacidade de colocar grandes “massas” na frente de combate e o avanço tecnológico do poder de fogo, originaram comportamentos táticos rígidos, onde a defesa se assumia como forma de combate mais robusta. Naquele momento, todas as estruturas organizacionais de informações estavam orientadas para a guerra. A maioria dos resultados apresentados apenas operacionalizavam informações concretas, ou seja, essencialmente de âmbito militar e com fins úteis para aspetos táticos (suportadas por informações físicas – reconhecimento). A operacionalização do ciclo de produção de informações (orientação do esforço de pesquisa, pesquisa, processamento e disseminação) apresentava-se de forma indutiva, sequencial, contínua e direcional. A necessidade deste modelo simplificado, de cariz convencional, surge com a necessidade de obter respostas (hipóteses), perante a necessidade de resolver um problema, apresentado por uma pergunta (necessidade), contribuindo para o processo de decisão do comandante.

Após entrarem em conflito, em 1917, os norte-americanos desenvolveram de forma significativa toda a sua estrutura de informações, sob a coordenação de um oficial do exército, Ralph Van Deman. Este foi o responsável pela origem dos conceitos de informações positivas, recurso a todos os meios para aquisição de informações para as forças militares, e de informações negativas, enquanto atividade que tem como finalidade negar informação crítica ao inimigo. Identificou, com relativa antecedência, a ofensiva de Ludendorff, ao longo da frente ocidental, em 1918, e o recurso à *Grande Bertha*, a notável peça de artilharia de origem alemã que poderia bombardear Paris

a cento e quarenta quilómetros de distância. A França, mesmo antes da guerra, mantinha a operacionalização das suas informações militares com um razoável grau de satisfação das necessidades. Neste contexto, sobressaiu o capitão francês Lambing, que obteve de um oficial alemão, com o pseudónimo *Le Venquer*, os pormenores do Plano *Schlieffen*, que definia a estratégia alemã para um conflito militar contra a França, desencadeada com um ataque através da Bélgica – desconfia-se que a fuga de informação teve origem no próprio Schlieffen, pela insatisfação às alterações que o plano sofreu contra sua vontade. No âmbito da pesquisa, durante a guerra, a recolha de informações não constituía problema para qualquer dos contendores. Estas eram obtidas através de prisioneiros de guerra e desertores, de recrutamento de agentes, entre outras formas de recolha. Os reconhecimentos terrestres e aéreos, tendo os últimos contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da IMINT – *imagery intelligence*, revelaram ser atividades bastante úteis para a identificação de posições inimigas à retaguarda das linhas da frente de combate e de colunas de marcha. A SIGINT – *signal intelligence*, recorreu ao rádio, tal como ao telégrafo, tecnologia que trouxe alteração significativa no decorrer da guerra, não só na transmissão de informação, mas também na forma de pesquisa e recolha de dados, envolvendo no processo um terceiro elemento para além dos comuns emissores e recetores. A escuta das comunicações do inimigo, quando devidamente decifradas, permitia ter conhecimento das suas capacidades e intenções, e reagir de forma adequada. A recolha em fontes abertas, OSINT – *open source intelli-*

gence, teve alguma dificuldade em se afirmar, não pela falta de atividade de pesquisa e recolha, mas pela dificuldade de processamento, disseminação e consequente influência em tempo oportuno.

Da segunda Guerra Mundial à Guerra Fria

Após um período de paz instável tem início, em 1939, a Segunda Guerra Mundial, na qual a tática de manobra assume especial relevo, dando origem à supremacia do fogo e movimento em detrimento do combate linear verificado na Guerra de Trincheiras. A versão *Schwerpunkt* (ponto focal, onde deve ser exercido o esforço principal), um dos elementos do conceito militar alemão, era suportada pelas informações, principalmente na decação e obtenção da surpresa. Nesse momento, as informações assumem um protagonismo essencial, em que no setor alemão podemos salientar o major de infantaria Reinhard Gehlen, que coordenou o esforço das informações no setor leste. Mais tarde, após a derrota alemã, entregou-se, numa ação coordenada com outros oficiais de Estado-Maior alemão e ativou, ao serviço dos norte-americanos, a então designada organização *Gehlen* que atuou durante o período da Guerra Fria.

No âmbito da orientação e a própria pesquisa, a SIGINT continuava a ter um papel significativo, permitindo aos alemães decifrar as mensagens do exército francês (que revelavam a força, posição e intenções das unidades francesas e inglesas). Por outro lado, os alemães salvaguardavam as suas comunicações com elevado êxito e tal proeza era devida a um engenheiro de Berlim, Arthur Scherbius, que inventou uma máquina de codificação

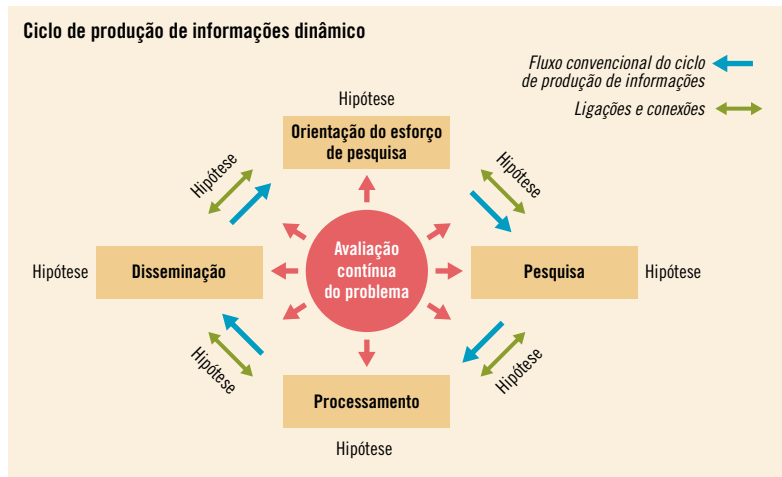
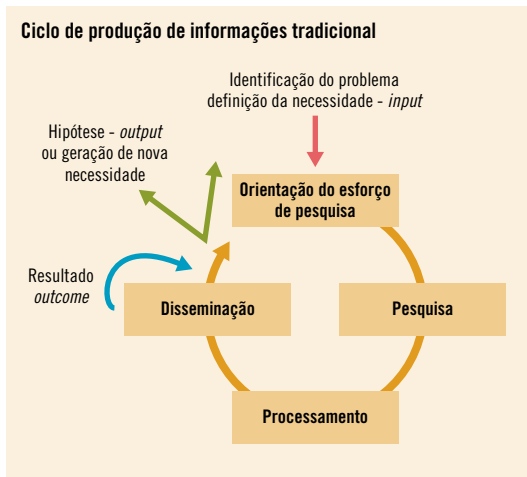
AS INFORMAÇÕES E O FATOR SURPRESA

As informações militares visam a obtenção de dados do ambiente operacional, e principalmente das capacidades e intenções de elementos hostis, com o intuito de reduzir a incerteza e proteger as forças amigas. Estas podem-se classificar em diferentes níveis, de acordo com a finalidade e emprego, a saber: (i) estratégicas; (ii) operacionais; e, (iii) táticas.

As informações ao nível estratégico visam proporcionar análises prospetivas e apoiam o processo de decisão político-estratégico. Ao nível operacional e tático, apresentam-se como parte integrante do planeamento de campanhas, e sua execução, e têm o alcance de uma função de combate. Auxiliam o comandante militar na decisão e orientação das operações. No entanto, em todos os níveis verificamos uma vertente comum – a surpresa. Enquanto as informações militares ao nível estratégico contribuem para evitar a surpresa estratégica, as operacionais e táticas evitam a surpresa tática.

A surpresa é um elemento a considerar nas informações e as vantagens relativas à sua mitigação são de um valor inestimável. A surpresa estratégica está relacionada com a possibilidade de ter conhecimento dos contornos da ameaça, mas desconhecem-se as suas intenções. Não se define somente ao mais alto nível, surge de forma repentina e com um reduzido número de indícios. A surpresa ao nível tático surge quando o comandante militar conhece os contornos, capacidades e intenções adversárias, no entanto, não sabe onde nem quando a ameaça vai intervir. Assume-se deste modo como elemento preponderante no campo de batalha, dificultando a capacidade de mensurar ao nível dos fatores espaço e tempo.

A minimização da superioridade que a surpresa poderá gerar é garantida pelo alerta oportuno. A superioridade manifesta-se positivamente pelo lado da surpresa, desde a sua deteção até à reação da força opostora. A este intervalo de tempo chamamos superioridade relativa.



Fonte: Adaptação de JDP 2-00, 2011: 3-5.

e descodificação de mensagens, a Enigma. Há quem defina, como contributo significativo para o sucesso da *Blitzkrieg*, guerra relâmpago dos alemães, a contrainformação e quebra dos códigos das diversas comunicações. Em oposição, inicialmente, o exército britânico teve uma ausência de segurança nas comunicações, excedendo-se no emprego de códigos de baixo nível como o CODEX. Após alguns insucessos e preocupações, os britânicos alteraram o seu comportamento, graças ao salto qualitativo que o fator tecnológico deu, em que a vigilância e escuta rádio proporcionaram a descriptação e a interpretação de dados, em que salientamos a superior capacidade de análise e processamento de dados, tendo conseguido por diversas vezes alcançar o alerta oportuno, reduzindo os sucessos alemães.

“ [...] as informações são parte integrante das operações militares e, uma vez adaptadas, têm capacidade para corresponder às actuais exigências operacionais. ”

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o surgimento da Guerra Fria, sem existir um conflito convencional entre os Estados diretores dos dois blocos, era preciso determinar o que os potenciais adversários faziam ou podiam fazer, numa tentativa de reduzir a incerteza e mitigar o impacto da surpresa. Na Guerra Fria as notícias eram obtidas através da pesquisa técnica, completadas pela pesquisa humana ou, mais prosaicamente, pela espionagem e revelações dos dissidentes adversos. Somente estas permitiam ultrapassar a robustez do silêncio, obtendo intenções, planos e projetos. Desenvolveram-se ainda, extraordinariamente, os sistemas e serviços de informações dos países pertencentes aos dois blocos (Tratado do Atlântico Norte e do Pacto de Varsóvia). Este período foi propício a processar elevados volumes de informação, em que a pesquisa se fundamentava em especialistas nas diferentes disciplinas de informações e o analista se focava nos

argumentos e problemas, em apoio ao planeamento, formulação e execução de estratégias relativas a significados e intenções. O próprio ciclo de produção de informações estava, em muito, para além de uma forma de obtenção de resultados práticos, tal como um imperativo epistemológico. Aparentava ser um processo simples, mas na realidade começava a apresentar um conjunto complexo de atividades.

As informações na atualidade

A atualidade depara-se com uma nova alteração, ou mutação, das ameaças, deixando os intervenientes de ser apenas Estados com vontades antagónicas, passando as ameaças a ser difusas, complexas e multifórmes, marcadas pela presença de atores não estatais. A forma de combater foi alterada pelo facto de não se identificar facilmente quem se está a combater, contribuindo deste modo para a complexidade do campo de batalha. As alterações não estão direccionadas para a atribuição, mas sim para situações morais e mentais, sendo, essencialmente, de cariz não convencional. Esta dinâmica tem forte influência na normalização e funcionamento do ciclo de produção de informações, face à necessidade de se atuar em tempo oportuno. O excesso de sensores e o elevado material (dados) a tratar vieram perturbar o processo operacional, dificultando a compreensão e visualização do problema, perturbando a natureza e conceção operacional da operação. O desenvolvimento tecnológico, aliado ao cariz não convencional das operações militares, contribuíram para áreas sombra do ciclo de produção de informações. Isto exige uma permanente interação entre as diferentes fases, tornando-se difícil identificar onde começa uma fase e termina a outra, não exigindo uma alteração sequencial de fases, mas sim de partilha e relação entre as mesmas. Esta interação permite acelerar o ciclo de produção de informações e o apoio destas na condução das operações militares, e a consequente tomada de decisão dos comandantes militares, influenciando o moral da população, reduzindo a capacidade de resposta do inimigo e a obtenção do fator surpresa. Por diversas vezes, é o próprio oficial de informações que procura a identificação do problema, para num momento e local inesperado encontrar uma possível hipótese (resposta).

Deste modo, a aparente imagem sequencial e unidirecional, decorre numa interligação de tarefas, em que as fases se sobrepõem e muitas vezes coincidem, mantendo uma rede de ligações e conexões, originando um trabalho simultâneo e aleatório ao invés do sequencial.

As informações surgem de forma mais abrangente em relação ao passado, aos diversos níveis, do estratégico ao tático. São parte integrante do planeamento e, ao nível tático, têm o alcance de uma função de combate, garantindo esta o desenvolvimento de tarefas e sistemas, unidos por uma finalidade comum, que permitem e facilitam a compreensão do ambiente operacional. As informações garantem a *big picture*, ou melhor, a visão estratégica e compreensão tática para se identificar quais deverão ser as ações a desencadear para se atingir as condições decisivas da operação. Suportam o instrumento militar para afetar os elementos estruturantes da ameaça, para além de outros efeitos coordenados, no âmbito da segurança e desenvolvimento.

Resumindo: apesar de não serem decisivas, as informações são parte integrante das operações militares e, uma vez adaptadas, têm capacidade para corresponder às actuais exigências operacionais. As informações surgem como fator impulsionador das operações militares, operacionalizadas pelo ciclo de produção de informações, em que a atualidade não coloca em causa a arquitetura do próprio ciclo, mas da sua rigidez e capacidade de atuar com problemas mal estruturados e complexos com que o ambiente operacional contemporâneo se depara. ■

Referências

- JDP (2011) — *Joint Doctrine Publication. Understanding and intelligence support to joint operations*. Obtido a 25 de setembro de 2013: https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/33704/20110830JDP2003rdEDweb.pdf
- HANDEL, Micheal (1990) — *Intelligence and Military Operations*. London: CASS.
- KNIGHTLEY, Phillip (1990) — *Espiões e Espionagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LOWENTHAL, Mark (2003) — *Intelligence, from secrets to policy*. Washington D.C.: CQ Press.
- VISACRO, Alessandro (2009) — *Guerra Irregular*. São Paulo: Editora Contexto.